

## Que os Vizinhos se Mantenham Vizinhos

**Sofia Moreira de Sousa**

Secção de Política Externa, Ministério dos Negócios Estrangeiros

---

A Política de Vizinhança surgiu em 2002, como uma forma de conferir um tratamento privilegiado a países, que, não obstante a condição geográfica de vizinhança da União Europeia, não faziam parte do grupo de doze países que se tornariam membros do clube. A filosofia subjacente a esta política era a de total aproximação sem adesão.

Inicialmente prevista como a moldura política para uma parceria reforçada para a Ucrânia, Bielorrússia e Moldávia, a política de vizinhança em breve foi alargada aos vizinhos do sul, numa tentativa de criar uma zona de comércio livre que se estenderia desde o deserto do Sahara até Vladivostok.

Durante um processo longo e burocrático de discussões em Bruxelas e negociações com os parceiros, foram negociados os Planos de Acção, definidos *roadmaps*, discutidas em pormenor as avaliações de desempenho e foram reciclados os instrumentos financeiros. No entanto, as expectativas dos parceiros ficaram, em grande parte, por concretizar.

Se a política de vizinhança não tem sido um sucesso, não será pela ausência de um conceito abrangente mas pela falta de vontade política e de meios financeiros capazes.

Em Bruxelas inventaram-se conceitos, fórmulas e mecanismos especiais para uma política que pretende ser única mas diferenciada e, que sem dúvida permanece firme em não ceder no que é realmente importante para os parceiros: facilitar o movimento de pessoas através de uma política de vistos mais simplificada, justa e menos demorada; maior abertura do mercado interno através da redução de tarifas alfandegárias; maior assistência financeira à implementação de reformas e envolvimento consciente nas questões dos conflitos congelados, nomeadamente através de missões de manutenção de paz e de uma posição europeia comum de defesa da segurança e estabilidade da vizinhança no cenário internacional.

Inventar novos conceitos sem uma vontade política firme da União Europeia em implementar os já existentes apenas conduzirá a um aumento do sentimento de frustração dos parceiros.

O poder de atracção da União Europeia é inegável, tal como diz o Alto Representante Javier Solana “*our power of attraction and transformation is enormous. We do system change, not regime change. We do it slowly, in partnership and without military force. Once they enter the EU’s orbit, countries are changed forever*”, mas é necessário um empenhamento sério para permitir aos parceiros entrar na “nossa” órbita. Para evitar que a atracção termine num divórcio muito antes do casamento, a União Europeia terá que apostar em meios de atracção que não sejam apenas declarações políticas e conceitos teóricos. Assistimos nos últimos meses a novas mudanças cosméticas para dar mais brilho a esta política, nomeadamente a leste, e criou-se um conceito de política de vizinhança *plus*, incentivando a cooperação regional e enquadramentos multilaterais.

Mas mais do que palavras, comunicações e conclusões, é necessário disponibilizar recursos necessários à implementação de medidas eficazes que confirmem vantagens aos nossos parceiros. Só assim poderemos exigir em troca o que nos é tão importante: segurança, estabilidade e, sobretudo, que batam à porta mas apenas muito ao de leve para não forçar a entrada...para já.